

Quem Se Importa? Dilemas de Inovação e Transformação Comunitária

Who Cares? Dilemmas of Innovation and Community Transformation

Nahuan Alaff Virgino Soares¹ 

Tiago Nascimento da Silva² 

¹Instituto Federal da Paraíba, Professor Substituto, Diretoria de Desenvolvimento do Ensino, Catolé do Rocha, Paraíba, Brasil.

²Universidade Federal da Paraíba, Bacharelado em Secretariado Executivo Bilíngue, Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Mamanguape, Paraíba, Brasil.

Resumo

Contexto: A narrativa tem inspiração na trajetória e trabalho de três brasileiros, Joaquim Melo (Banco Palmas), Vera Cordeiro (Instituto Dara) e Wellington Nogueira (Doutores da Alegria), a partir do documentário “Quem se Importa?”, dirigido por Mara Mourão. O caso convida os discentes a refletirem sobre os desafios e dilemas enfrentados por agentes de impacto social que atuam em territórios marcados por vulnerabilidades e desigualdades.

Dilema: A narrativa evidencia tensões entre inovação, engajamento comunitário e sustentabilidade das iniciativas sociais, provocando questionamentos sobre como nomear e compreender esse tipo de trabalho, que mescla propósito, gestão e impacto.

Objetivo: O caso de ensino é destinado à área de Ciências Sociais Aplicadas, sendo indicado para os níveis de graduação e pós-graduação (lato sensu e stricto sensu), especialmente nas disciplinas de Empreendedorismo Social, Gestão Social e Terceiro Setor. Com base na Taxonomia de Bloom, os objetivos educacionais são: (1) Compreender os princípios do empreendedorismo social e a atuação das iniciativas descritas na narrativa; (2) Analisar os desafios, estratégias e resultados das organizações sociais apresentadas, considerando aspectos como sustentabilidade, inovação e transformação social; e (3) Elaborar propostas de intervenção social ou modelos de negócios de impacto inspirados nas experiências relatadas, aplicando os conceitos discutidos em sala.

Palavras-chave: impacto social; liderança transformadora; identidade profissional; desenvolvimento local; agentes de mudança.

Abstract

Context: The narrative is inspired by the trajectory and work of three Brazilians—Joaquim Melo (Banco Palmas), Vera Cordeiro (Instituto Dara), and Wellington Nogueira (Doutores da Alegria)—based on the documentary “Who Cares?”, directed by Mara Mourão. The case invites students to reflect on the challenges and dilemmas faced by social impact agents who operate in territories marked by vulnerability and inequality.

Dilemma: The narrative highlights tensions between innovation, community engagement, and the sustainability of social initiatives, raising questions about how to name and understand this type of work, which blends purpose, management, and impact.

Objective: This teaching case is intended for the field of Applied Social Sciences and is suitable for undergraduate and graduate levels (lato sensu and stricto sensu), especially in courses on Social Entrepreneurship, Social Management, and the Third Sector. Based on Bloom’s Taxonomy, the educational objectives are: (1) To understand the principles of social entrepreneurship and the work of the initiatives described in the narrative; (2) To analyze the challenges, strategies, and results of the social organizations presented, considering aspects such as sustainability, innovation, and social

transformation; and (3) To develop proposals for social intervention or impact business models inspired by the experiences reported, applying the concepts discussed in class.

Keywords: social impact; transformative leadership; professional identity; local development; change agents.

Introdução

Em Fortaleza, no coração do Ceará, o sol escaldante se refletia nas ruas movimentadas, onde jovens olhavam para o futuro com um misto de sonhos e incertezas. Joaquim Melo estava na praça principal, como fazia todos os dias, oferecendo microcréditos aos jovens empreendedores. Seu pequeno projeto de empréstimo não era apenas uma ajuda financeira, mas um convite para que aqueles que estavam presos no ciclo da pobreza pudessem dar o primeiro passo em direção à sua independência. Ele acreditava que o caminho para a mudança não passava apenas por doações, mas pela criação de novos horizontes e oportunidades. Cada empréstimo era mais do que um ato de generosidade: era uma “semente plantada” para que os jovens construíssem seu próprio destino.

Em outro canto do Brasil, no alto do Corcovado, de braços abertos sobre a Baía de Guanabara, o Cristo Redentor observa a cidade que, entre contrastes e belezas, carrega o título de “Cidade Maravilhosa”. Vera Cordeiro trabalhava incansavelmente em sua missão. À frente da “Associação Saúde Criança”, ela reestruturava a vida de famílias que enfrentavam a dura realidade da extrema pobreza. Vera sabia que a saúde

era apenas uma parte do problema. As famílias precisavam de um suporte completo: moradia, educação e, acima de tudo, apoio emocional. Sua abordagem personalizada buscava reconstruir os pilares de cada família, oferecendo não apenas assistência, mas também a chance de um recomeço. O impacto de seu trabalho foi tanto que sua organização foi reconhecida internacionalmente, e Vera tornou-se um símbolo de como a atenção individualizada poderia romper as barreiras da desigualdade social.

Ainda na mesma região do país, capital paulista, onde fica o maior centro urbano da América Latina, símbolo de pluralidade, inovação e resistência, Wellington Nogueira, com seu nariz vermelho e sorriso acolhedor, trazia risos às crianças hospitalizadas. Inspirado pela “Clown Care Unit” americana, se esforça ao introduzir a figura do palhaço hospitalar no Brasil. Com sua sensibilidade e humor, Wellington conquistou corações, mostrando que o bem-estar emocional era tão essencial quanto o tratamento médico para a recuperação das crianças.



Figura 1. Encontro simbólico entre os três personagens, em um seminário sobre transformação social no Brasil.

Fonte: Imagem gerada pela Inteligência Artificial (Canva.com).

Joaquim Melo: “Às vezes me perguntam se sou banqueiro. Mas não, sou um semeador. Cada microcrédito é uma semente de esperança que planto”.

Vera Cordeiro: “Entendo bem, Joaquim. Eu também não sou apenas médica. Reconstruo vidas. A saúde precisa de base, de dignidade. Sem isso, é só paliativo.”

Wellington Nogueira: “E eu? Dizem que sou só um palhaço. Mas, ver um sorriso num hospital é mais que diversão. É cuidado. É parte da cura.”

Cada um desses personagens teve um impacto representativo em suas respectivas áreas, mudando a vida de muitos, criando redes de apoio e desafiando sistemas estabelecidos. Mas, apesar de suas histórias de sucesso, um dilema os perseguia. O que, afinal,

eram eles? Como poderiam descrever o trabalho que faziam?

A Jornada de Joaquim Melo – Banco Palmas

Joaquim Melo, é teólogo, educador popular e líder comunitário, que percebeu que a pobreza não era apenas uma questão de falta de dinheiro, mas de oportunidades. Como ex-seminarista e economista, o nordestino via de perto a luta de pequenos comerciantes e trabalhadores informais no Conjunto Palmeira, um bairro periférico de Fortaleza, onde a falta de acesso ao crédito impedia o crescimento econômico local.

Com o desejo de transformar essa realidade, Joaquim fundou o Banco Palmas em 1998, uma iniciativa voltada para oferecer microcréditos a moradores da região. A ideia era simples, mas revolucionária: em vez de esperar pelo auxílio governamental ou depender de

bancos tradicionais, a própria comunidade geraria sua economia, fortalecendo o comércio local. O banco criou sua própria moeda social, o Palmas, que circulava dentro do bairro, incentivando a produção e o consumo local. Em uma entrevista ao portal de notícias Terra, o mesmo declara que:

Joaquim Melo: *"Eu era seminarista, morava no seminário de padres em Belém (PA). Mesmo morando no seminário, sempre tive desejo de desenvolver um trabalho junto com pessoas em situação de rua. Eu fiquei sabendo que no Ceará estava começando uma experiência que era exatamente essa em um seminário. Decidi ir para lá e acabei indo morar em um lixão. [...] Foram aqueles meses em que morei com os catadores de lixo, convivendo com os urubus, com o lixo, que me motivou a ajudar os mais pobres e se originou a ideia de criar o Banco Palmas".*

O impacto foi imediato. Pequenos negócios começaram a crescer, famílias passaram a ter renda e a autoestima dos moradores aumentou. Um vendedor de pipoca que antes lutava para sobreviver conseguiu comprar um carrinho novo e ampliar seu negócio. Uma costureira que não tinha capital para investir em tecidos conseguiu um empréstimo e transformou sua habilidade em um empreendimento sustentável. Com o tempo, a comunidade deixou de ser apenas um conjunto de casas

e se tornou um verdadeiro ecossistema econômico autossustentável.

Joaquim Melo: *"A maior importância do banco comunitário é deixar o dinheiro circulando no município e valorizar produtos e serviços locais. Quando eu tenho um banco comunitário que financia uma moeda que só funciona ali, o dinheiro circula no próprio município, fazendo surgir empresas locais, evitando que as pessoas gastem seu dinheiro nas grandes corporações"*

No entanto, Joaquim também enfrentou desafios. No início, houve resistência por parte do sistema bancário tradicional e do governo, que viam o Banco Palmas como uma ameaça. Mas os resultados falam por si: a taxa de inadimplência era baixa e a economia local florescia. Aos poucos, o modelo passou a ser reconhecido internacionalmente, sendo replicado em outras partes do Brasil e do mundo.

Vera Cordeiro: *"Joaquim, você criou um banco onde ninguém via futuro. Como conseguiu?"*

Joaquim Melo: *"Vi que o problema não era só falta de dinheiro, era falta de acesso. Então criamos nossa própria moeda e crédito, com o pouco que a comunidade tinha."*

Vera Cordeiro: *"Fazemos o mesmo em áreas diferentes. Eu cuido das famílias doentes, você da economia do bairro. No fim, é tudo sobre dignidade."*

Joaquim Melo: *“Exato. Ajudar é abrir caminho, não dar atalho.”*

O trabalho de Joaquim provou que o microcrédito pode ser uma ferramenta poderosa para combater a pobreza. Seu modelo de banco comunitário inspirou inúmeras outras iniciativas e mostrou que, com criatividade e compromisso social, é possível construir uma economia mais justa e inclusiva. Ação que inicialmente, foi capitalizado com doações de moradores da própria comunidade. Em 2024, encontra-se consolidado como uma instituição social robusta, contando com 30 funcionários e movimentando um volume mensal de empréstimos na casa de 1,3 milhão de Palmas, em que a moeda é indexada ao real, com equivalência direta: 1 Palmas vale R\$ 1 (real).

A Jornada de Vera Cordeiro - Associação Saúde Criança

Vera sempre acreditou que a medicina deveria ultrapassar os limites dos consultórios e hospitais. Como médica no Hospital da Lagoa, no Rio de Janeiro, a profissional da saúde testemunhava diariamente a recorrência de crianças em situação de vulnerabilidade retornando ao hospital. As doenças eram tratadas, mas suas causas permaneciam intocadas. A pobreza, a falta de saneamento básico, a alimentação inadequada e a ausência de moradia digna perpetuavam um ciclo de sofrimento que a medicina tradicional, por si só,

não conseguia interromper. Determinada a transformar essa realidade, Vera fundou, em 1991, a Associação Saúde Criança, uma iniciativa inovadora que passou a abordar o problema de maneira holística. Em vez de se limitar ao atendimento médico, a organização estruturou um plano de ação individualizado para cada família assistida, fundamentado em cinco pilares essenciais: saúde, moradia, educação, geração de renda e cidadania. O objetivo central era garantir que a criança deixasse o hospital sem a necessidade de retorno por razões evitáveis.

Vera Cordeiro: *“Quando o cidadão comum diz ‘chega! Nesse planeta eu não vivo!’. e ‘chega!’ não é um ‘chega!’, e eu fico acomodado; é ‘chega! Eu vou fundar!’, ‘Chega! Eu vou fazer!’. Não importa se ele faz para ajudar quatro pessoas ou para ajudar mil; importa o sentimento que está por trás”.*

O impacto da iniciativa foi rápido. Famílias que antes viviam em condições de extrema pobreza passaram a ter acesso a uma estrutura de vida digna. Mães que dependiam exclusivamente de doações receberam capacitação profissional e conquistaram independência financeira. As moradias foram reformadas, as crianças voltaram à escola e os índices de reinternação caíram drasticamente. A abordagem inovadora da organização despertou o in-

teresse de especialistas e instituições internacionais, tornando-se um modelo de referência para diversos países.

Vera Cordeiro: *“Aprendemos a metodologia ouvindo quem servíamos, que nada mais é que ajudar a família a pensar na sua própria vida e, por dois anos, se organizar em cinco áreas: saúde, educação, moradia, cidadania e autossustento”.*

Ao longo de sua trajetória, Vera Cordeiro enfrentou desafios inerentes a iniciativa social no Brasil, como a burocracia, a escassez de financiamento e a resistência a novas metodologias de assistência. No entanto, sua persistência e a eficácia do modelo adotado demonstraram que era possível transformar a

assistência social de forma sustentável. A atuação da “Associação Saúde Criança” influenciou políticas públicas e consolidou-se como um exemplo global de combate à pobreza e promoção da saúde.

Desde outubro de 2020, a Associação Saúde Criança passou a se chamar Instituto Dara, mantendo a mesma metodologia e compromisso com a transformação social. Ao longo de 32 anos, mais de 100 mil pessoas foram atendidas no Brasil, com o apoio de 1.600 voluntários. Em 2025, são 26 organizações em seis estados brasileiros seguem inspiradas pelo modelo criado por Dara. E estes dados, se refletem nos elementos do seu planejamento estratégico.

Elemento	Descrição
Missão	Promover a saúde e o desenvolvimento humano por meio da implementação e da disseminação de uma abordagem intersectorial de combate à pobreza.
Visão	Um mundo saudável e sustentável no qual todas e todos tenham as mesmas oportunidades e direitos e sejam protagonistas de seu próprio desenvolvimento.
Valores	Justiça social, autonomia, integridade, empatia e transparência.

Tabela 1. Elementos do planejamento estratégico do Instituto Dara.

Fonte: Instituto Dara (2025)

O reconhecimento do trabalho de Vera ultrapassou fronteiras, rendendo-lhe prêmios. Entretanto, sua maior conquista sempre foi presenciar a interrupção do ciclo de miséria e a possibilidade de um futuro promissor para inúmeras crianças. Para a médica a finalidade da organização “é transformar miserável em pobre”.

A jornada de Wellington Nogueira - Doutores da Alegria

Wellington Nogueira é um paulistano, casado com a Mara e pai do Theo, sempre acreditou no poder transformador do riso como ferramenta de cura. Inspirado pelo trabalho do grupo norte-americano Clown Care Unit, o mesmo identificou a oportunidade de transformar a realidade dos hospitais

brasileiros por meio da arte e da empatia. Como ator e palhaço, compreendeu que o humor pode ir além do mero entretenimento, tornando-se um instrumento poderoso de impacto social. Foi com essa visão que, em 1991, nasceu o Doutores da Alegria. O projeto introduziu palhaços profissionais em hospitais, promovendo interações lúdicas com crianças internadas, suas famílias e as equipes médicas. O objetivo foi humanizar o ambiente hospitalar, tornando-o mais acolhedor e positivo.

Os resultados foram imediatos. Estudos apontaram que as crianças passaram a reagir melhor aos tratamentos, os profissionais da saúde encontraram alívio no estresse cotidiano e os familiares ganharam um novo ânimo para enfrentar momentos difíceis. O impacto da iniciativa evidenciou que o riso desempenha um papel fundamental no processo de recuperação dos pacientes.

No entanto, Wellington não queria que o Doutores da Alegria fosse apenas um projeto assistencialista. Ele estruturou a organização com uma abordagem profissional, garantindo que os palhaços passassem por uma formação rigorosa e que as interações fossem planejadas com base em diretrizes bem definidas.

Wellington Nogueira: *“O que uma empresa pode aprender com uma ONG? O que uma ONG pode aprender com uma empresa? E nesse processo, será que é possível a gente buscar uma convergência e justamente criar um novo modelo de gestão, um novo modelo de empresa que*

nasce socialmente responsável e que só é bem sucedida porque todo o seu entorno é bem sucedido também?”

Um dos grandes desafios ao longo dos anos foi expandir a iniciativa sem comprometer sua essência. Para isso, Wellington ampliou a atuação para outras cidades, formou novas gerações de palhaços e contribuiu para o reconhecimento do palhaço hospitalar como uma profissão. Além disso, desenvolve programas de formação e disseminação da metodologia, permitindo que mais pessoas se engajassem no propósito de levar alegria e humanização a ambientes hospitalares.

Segundo dados da própria organização, desde sua criação em 1991, os palhaços e palhaças contratados já impactaram mais de 2,5 milhões de crianças internadas em hospitais, levando arte, empatia e acolhimento a ambientes de tratamento médico. Em 2025, a atuação ocorre diariamente em três capitais brasileiras — Recife, Rio de Janeiro e São Paulo —, com presença em 15 hospitais parceiros e o envolvimento de 45 artistas profissionais que transformam o cotidiano hospitalar com leveza e humanidade.

Vera Cordeiro: *“Seu trabalho mostra que o cuidado vai além do corpo. O riso também cura.”*

Wellington Nogueira: *“E o seu trabalho mostra que saúde precisa de base. Eu entro com a leveza, você entra com a estrutura. Juntos, mudamos o que parecia imutável.”*

Vera Cordeiro: *"Quando comecei, achavam que assistência era caridade. Você provou que alegria também não é só distração. É direito."*

Wellington Nogueira: *"A gente não distribui risadas à toa. Cada palhaço nosso é um artista preparado. Porque humanizar exige profissionalismo também."*

Vera Cordeiro: *"No fim, a gente só quer ver essas crianças saindo do hospital: saudáveis, amadas e com esperança."*

Wellington Nogueira: *"E quem sabe, rindo no caminho."*

O legado de Wellington Nogueira vai muito além do riso. O entusiasta demonstrou que a arte pode ser uma ferramenta poderosa de transformação social e que o empreendedorismo social pode assumir diferentes formas – inclusive através da alegria. O Doutores da Alegria segue inspirando novas gerações a enxergar o riso não apenas como um recurso terapêutico, mas como um direito humano essencial. Contudo, ainda ecoa o questionamento de Wellington "como será um mundo em que as pessoas acordam todo dia para buscar e viver experiências de alegria? E consequentemente estas experiências de alegria podem ser chamadas de trabalho.

Dilema – Quem se importa?

Apesar das diferentes trajetórias e dos impactos sociais incontestáveis,

Joaquim Melo, Vera Cordeiro e Wellington Nogueira compartilham uma mesma inquietação: como nomear e compreender o trabalho que realizam? Seus projetos nasceram da indignação diante de uma realidade injusta e da vontade de transformá-la. Não surgiram de planos empresariais, nem de oportunidades de negócio, mas de um profundo compromisso com o bem-estar coletivo. Ainda assim, suas atuações romperam os limites da assistência tradicional, movimentaram economias, salvaram vidas e trouxeram esperança onde antes havia apenas escassez.

O dilema emerge, então, no cruzamento entre os papéis que desempenham. **São empreendedores? São ativistas? São prestadores de serviço ou trabalhadores sociais? Ou estariam ocupando um espaço novo e indefinido no mundo do trabalho?** Joaquim oferece crédito e movimenta uma moeda própria: estaria ele mais próximo de um banqueiro ou de um educador popular? Vera reestrutura vidas inteiras com base em um modelo de gestão quase empresarial: estaria ela exercendo medicina, assistência social ou inovação em políticas públicas? Wellington leva alegria a hospitais, mas com uma estrutura profissional e métricas de impacto: é artista, empreendedor ou cuidador?

Em certo momento, Joaquim compartilhou uma situação curiosa, mas que foi comum aos demais, mostrando como a complexidade de suas ações foge das definições tradicionais:

Joaquim Melo: *“Na hora do cadastro, perguntaram para mim: ‘Qual a sua profissão?’. Não sou só banqueiro, nem só líder comunitário. Como responder?”*

Vera Cordeiro: *“Passei pela mesma. Me perguntaram se eu era médica, assistente social, ou administradora. Eu respondi: faço um pouco de tudo, porque a realidade exige.”*

Wellington Nogueira: *“E no meu caso, disseram: ‘Você é artista? Terapeuta? Educador?’. A resposta nunca é simples, porque o que a gente faz não cabe em uma caixa.”*

Esses personagens vivem na intersecção entre o pessoal e o profissional, entre o dom e o dever, entre a vocação e o trabalho remunerado. Seus projetos são movidos por paixão, mas exigem gestão. Gera transformação, mas também enfrentam pressões por resultados. Nesse cenário, um questionamento permanece: **como reconhecer e valorizar essas formas de trabalho que escapam das classificações tradicionais, mas que são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa?**

Apêndice A. Iniciativas relatadas no Documentário Quem se Importa?

Personagem	Organização	País	Foco da Atuação
Muhammad Yunus	Grameen Bank	Bangladesh	Fornecimento de microcrédito sem garantias para pessoas pobres, especialmente mulheres, a fim de promover o empreendedorismo e a independência financeira.
Bill Drayton	Ashoka	Estados Unidos	Identificação, apoio financeiro e mentoria para empreendedores sociais que desenvolvem soluções inovadoras para desafios sociais.
Premal Shah	Kiva	Estados Unidos	Plataforma online de financiamento coletivo que conecta doadores a pequenos empreendedores em países em desenvolvimento.
Karen Tse	International Bridges to Justice	Suíça	Defesa de direitos humanos com foco no acesso à justiça, especialmente para pessoas vulneráveis vítimas de abusos ou torturas em prisões.
Wellington Nogueira	Doutores da Alegria	Brasil	Uso da arte do palhaço para humanizar o ambiente hospitalar e melhorar o bem-estar emocional de crianças hospitalizadas.
Bart Weetjens	Apopo	Tanzânia	Treinamento de ratos para detectar minas terrestres e casos de tuberculose, contribuindo com soluções eficientes e de baixo custo para problemas globais.
Rodrigo Baggio	CDI (Comitê para Democratização da Informática)	Brasil	Promoção da inclusão digital por meio da educação tecnológica em comunidades carentes, fortalecendo a cidadania e a empregabilidade.

Vera Cordeiro	Saúde Criança	Brasil	Abordagem interdisciplinar para reabilitação socioeconômica de famílias de crianças doentes, com foco em geração de renda, moradia, saúde e educação.
Eugênio Scannavino	Saúde e Alegria	Brasil	Projeto integrado de saúde, educação, meio ambiente e geração de renda para populações ribeirinhas da Amazônia, com respeito à cultura local.
Mary Gordon	Roots of Empathy	Canadá	Programa educacional que leva bebês às salas de aula para desenvolver empatia, diminuir a agressividade e promover o respeito mútuo entre crianças.
Joaquim Melo	Banco Palmas	Brasil	Banco comunitário que usa moedas sociais e crédito solidário para fomentar o desenvolvimento local em comunidades periféricas.
Dener Giovannini	Rentcas	Brasil	Combate ao tráfico ilegal de animais silvestres e proteção da biodiversidade com ações de educação ambiental e políticas públicas.
Al Etmanski	Plan	Canadá	Desenvolvimento de políticas e soluções sustentáveis para melhorar a qualidade de vida de pessoas com deficiência e suas famílias.
Jehane Noujaim	Pangea Day	Estados Unidos	Evento global com exibição simultânea de filmes que inspiram empatia e conexão cultural, promovendo paz e tolerância.
Joaquín Leuguía	Ania	Peru	Criação de espaços de natureza nas escolas e comunidades para promover educação ambiental e vínculo emocional das crianças com o meio ambiente.
Isaac Durojaiye	DMT Mobile Toilets	Nigéria	Implantação de banheiros móveis em áreas urbanas sem saneamento básico, melhorando a saúde pública e criando empregos.
John Migton	Jump	Canadá	Programa de suporte emocional, educacional e ocupacional para jovens em situação de risco social, promovendo autonomia e inclusão.

Notas de Ensino

Nesta seção, as informações apresentadas têm como objetivo orientar docentes que desejam aplicar o caso em sala de aula, oferecendo sugestões didáticas e estratégias de condução que favoreçam a aprendizagem ativa e contextualizada. No entanto, é válido salientar que essas orientações não são inflexíveis. Cada docente pode adaptá-las conforme sua realidade, objetivos pedagógicos e o perfil de sua turma, considerando as especificidades do ambiente educacional em que atua. A proposta é que o caso funcione como um recurso flexível e inspirador, estimulando o protagonismo docente na mediação do processo de ensino-aprendizagem.

Objetivos Educacionais

O caso de ensino é destinado à área de Ciências Sociais Aplicadas, sendo indicado para os níveis de graduação e pós-graduação (lato sensu e stricto sensu), especialmente nas disciplinas de Empreendedorismo Social, Gestão Social e Terceiro Setor. Com base na Taxonomia de Bloom, os objetivos educacionais são:

1. Compreender os princípios do empreendedorismo social e a atuação das iniciativas descritas na narrativa;
2. Analisar os desafios, estratégias e resultados das organizações sociais apresentadas, considerando aspectos como sustentabilidade, inovação e transformação social;

3. Elaborar propostas de intervenção social ou modelos de negócios de impacto inspirados nas experiências relatadas, aplicando os conceitos discutidos em sala.

Fonte e Coleta de Dados

A elaboração deste caso de ensino baseou-se em dados secundários, coletados por meio da análise do documentário "Quem Se Importa" (2012), dirigido por Mara Mourão e produzido pela Mamo Filmes, com duração de 93 minutos. Além do documentário, foram utilizadas informações disponíveis na internet, como sites oficiais das organizações sociais citadas, blogs pessoais de personagens, portais de notícia e relatórios institucionais. Também foram consultadas resenhas críticas e materiais de apoio com o intuito de aprofundar a compreensão sobre as experiências relatadas. A história apresentada é real, assim como os nomes dos personagens e das organizações envolvidas. Contudo, os diálogos apresentados entre os personagens são fictícios e foram construídos com fins pedagógicos. Seu propósito é enriquecer a narrativa, ilustrar os dilemas enfrentados pelos personagens reais e aprofundar a compreensão sobre a complexidade de suas atuações. Durante a elaboração deste caso de ensino, foram utilizados recursos de inteligência artificial generativa com o objetivo de aprimorar a qualidade do material. O ChatGPT foi empregado como ferramenta de apoio para a correção de

erros gramaticais e de coerência textual, contribuindo para uma escrita mais clara, coesa e acessível. Além disso, a criação da figura que compõe a narrativa foi realizada com o auxílio da IA da plataforma de design Canva. Para gerar a imagem, foi utilizado o prompt: “cena em quadrinho, escala cinza, personagens adultos de banqueiro, médica e palhaço”, buscando representar visualmente, de forma simbólica e envolvente, os elementos centrais da trama. Esses recursos tecnológicos foram integrados ao processo de produção com responsabilidade ética, visando enriquecer a experiência didática e facilitar a compreensão dos conteúdos propostos.

Sugestão de Questões

1. Quais são os problemas sociais enfrentados no caso e como cada iniciativa propõe soluções inovadoras?
2. Com base na narrativa do caso, quais características são peculiares ao empreendedorismo social?
3. Com base na experiência dos protagonistas, que competências você considera essenciais para atuar com empreendedorismo social? Liste e justifique
4. Como nomear o trabalho dos protagonistas e quais os impactos dessa escolha para a gestão e reconhecimento das iniciativas sociais?

5. Com base na narrativa, elabore um esboço de projeto social que responda a uma demanda da sua comunidade. Explique qual é o problema identificado, qual a proposta de solução, quem será beneficiado, os recursos e parcerias necessários.

Guia Teórico para Resolução das Questões

Para a resolução das sugestões apresentadas no caso de ensino, propõe-se, inicialmente, uma breve contextualização teórica sobre o tema do empreendedorismo social, com base na literatura especializada. Essa introdução tem o objetivo de oferecer aos/as docentes e discentes um referencial conceitual que auxilie na compreensão das dinâmicas e dos desafios envolvidos nesse campo. Em seguida, são apresentados os encaminhamentos para cada uma das questões propostas, articulando a fundamentação teórica com trechos específicos da narrativa. Essa abordagem visa subsidiar o debate em sala de aula de forma crítica e consistente, promovendo a reflexão sobre práticas transformadoras e o papel dos sujeitos sociais na promoção de soluções para problemas coletivos.

Empreendedorismo Social: Breve Contextualização

A discussão sobre o empreendedorismo social na literatura revela a emergência de um campo articulado à

busca por respostas mais efetivas aos problemas sociais contemporâneos, especialmente a partir de iniciativas que conciliam propósito e impacto. Oliveira, Figueiró e Souza (2021) demonstram que empreendimento sociais podem exercer um papel intermediador estratégico, conectando empresas convencionais às comunidades por meio do desenvolvimento de projetos socialmente inovadores. Esses empreendimentos não apenas operam como catalisadores de soluções, mas também permitem a tradução das demandas sociais em práticas de inovação, promovendo interações genuínas entre empresas e beneficiários. Esse papel de mediação amplia a compreensão da inovação social como um processo construído coletivamente e não apenas como um produto final.

Carmo *et al.* (2021) reforçam essa concepção ao evidenciar que o empreendedorismo social se materializa em ações práticas que emergem de um engajamento direto com os problemas vividos pelas comunidades. Ao analisarem trajetórias de empreendedores sociais, destacam a importância de valores como empatia, engajamento e compromisso com o bem comum. Lopes Jr. *et al.* (2020) corroboram essa perspectiva ao tratarem do empreendedorismo social como um fenômeno orientado por valores e finalidades sociais, em que a lógica de mercado é ressignificada. Para os autores, os empreendedores sociais atuam em contextos marcados por vulnerabilidades, e sua ação

transforma o tecido social ao criar soluções sustentáveis, replicáveis e ancoradas em realidades locais.

Junges, Campos e Traverso (2020) acrescentam à discussão a importância da autogestão e da economia solidária como princípios que fortalecem o empreendedorismo social. Ao abordarem experiências em contextos periféricos, os autores mostram como essas iniciativas promovem inclusão produtiva e reorganizam relações de trabalho, possibilitando maior autonomia e protagonismo para populações marginalizadas. Já Vieira, Oliveira e Chim-Miki (2022) aprofundam a análise sobre o potencial das redes colaborativas no fortalecimento de empreendimentos sociais. A articulação entre diferentes atores, como poder público, sociedade civil e setor privado, é vista como fundamental para ampliar o alcance das soluções e garantir sua sustentabilidade a longo prazo.

Por sua vez, Ramos, Vasconcelos e Oliveira (2023) contribuem ao enfatizar que o empreendedorismo social é, acima de tudo, um campo de ação estratégica diante da falência parcial de respostas estatais. As iniciativas analisadas pelos autores se constituem como alternativas eficazes, não apenas paliativas, diante de demandas negligenciadas, o que reforça o empreendedorismo social como um instrumento de inovação institucional e transformação sistêmica. Para Pereira *et al.* (2023), os empreendedores sociais operam com múltiplas racionalidades, ética, economia,

política e cultural, sendo capazes de articular saberes locais e técnicas de gestão para responder de forma contextualizada às desigualdades. Assim, essas contribuições acadêmicas convergem na ideia de que o empreendedorismo social transcende o assistencialismo, configurando-se como prática reflexiva, inovadora e transformadora no enfrentamento das injustiças sociais.

As análises do documentário “Quem se Importa” complementam e aprofundam essas contribuições ao conferir visibilidade a trajetórias reais de empreendedores sociais que atuam em diferentes partes do mundo. Ferreira (2023), ao resenhar o documentário, articula o conteúdo audiovisual à teoria da ação coletiva de Mancur Olson, destacando a potência transformadora de ações individuais motivadas por propósitos éticos, especialmente em contextos de ineficiência estatal. Essa abordagem reforça as proposições de autores como Ramos, Vasconcelos e Oliveira (2023) e Pereira *et al.* (2023), ao denunciar a passividade ou conivência de agentes públicos diante das crises sociais e ambientais e reconhecer nos empreendedores sociais os protagonistas de uma transformação sem incentivos diretos, movida por engajamento consciente. Ferreira (2023) também mobiliza o conceito de “tragédia dos comuns” para criticar o egoísmo estrutural que muitas vezes bloqueia soluções coletivas, ressoando a crítica feita por Carmo *et al.* (2021) à lógica mercantil convencional.

Casaqui (2014), contribui com uma leitura discursiva do documentário que aproxima o empreendedor social da figura de um “herói moderno”, alguém que sonha e age localmente com impacto global, em consonância com as reflexões de Lopes Jr. *et al.* (2020) sobre a ressignificação da racionalidade econômica. A análise ressalta o poder do discurso audiovisual como elemento pedagógico e mobilizador, com forte apelo emocional e simbólico. Termos como “sucesso coletivo” e “Felicidade Interna Bruta” inserem o empreendedorismo social em uma nova gramática, que combina performance e ética, tal como discutido por Vieira, Oliveira e Chim-Miki (2022) ao abordarem redes colaborativas e novas lógicas de articulação institucional.

Por fim, Pinto e Klemz (2025) acrescentam uma importante camada à discussão ao relacionarem o empreendedorismo social ao campo da educação inclusiva. O professor é compreendido como agente de transformação análogo ao empreendedor social, ambos atuando em contextos adversos com empatia, criatividade e foco na justiça social. Essa analogia amplia o escopo do empreendedorismo social para além do campo econômico, dialogando diretamente com as propostas de Junges, Campos e Traverso (2020), que evidenciam a relevância da autogestão, e com a defesa de uma atuação situada e comunitária presente nos estudos analisados. O documentário, nesse sentido, não apenas inspira, mas fundamenta

criticamente uma visão ampliada e interdisciplinar do empreendedorismo social como prática educativa, política e ética.

Encaminhamento das questões

A narrativa apresentada permite refletir sobre a complexidade dos problemas sociais enfrentados nas realidades vividas por Joaquim Melo, Vera Cordeiro e Wellington Nogueira, e como suas iniciativas respondem a esses desafios de forma inovadora. Segundo Bezerra-De-Souza e Teixeira (2019), o empreendedorismo social emerge como uma resposta à ineficiência dos modelos tradicionais para lidar com questões como desigualdade, exclusão e vulnerabilidade. Nesse sentido, as soluções propostas pelos protagonistas ultrapassam ações assistencialistas e se configuram como práticas sustentáveis que articulam gestão, criatividade e compromisso social. A inovação social, aqui, não está apenas na tecnologia ou no produto, mas na maneira como cada organização se estrutura para gerar impacto coletivo duradouro, rompendo com os padrões convencionais. Acompanhe esses trechos da narrativa, que exploram os problemas sociais e a intervenção dos personagens:

- “A maior importância do banco comunitário é deixar o dinheiro circulando no município e valorizar produtos e serviços locais.” – **Trecho da seção a jornada de Joaquim Melo – Banco Palmas**

- “Aprendemos a metodologia ouvindo quem servíamos, que nada mais é que ajudar a família a pensar na sua própria vida e, por dois anos, se organizar em cinco áreas: saúde, educação, moradia, cidadania e autossustentento” – **Trecho da seção a jornada de Vera Cordeiro - Associação Saúde Criança**
- “O projeto introduziu palhaços profissionais em hospitais, promovendo interações lúdicas com crianças internadas, suas famílias e as equipes médicas. O objetivo foi humanizar o ambiente hospitalar, tornando-o mais acolhedor e positivo.” – **Trecho da seção a jornada de Wellington Nogueira - Doutores da Alegria**

Diante disso, Lehmen *et al.* (2023) destacam que uma das diferenças centrais entre empreendimento social e os tradicionais está no propósito: enquanto a segunda visa o lucro como fim, a primeira busca o impacto como métrico de sucesso. Essa distinção é observável na trajetória dos personagens, que, mesmo sem visarem o retorno financeiro, estruturam suas ações com estratégias de crescimento, sustentabilidade e expansão de resultados. Segundo os autores, na empresa convencional, o sucesso é mensurado pelo retorno financeiro aos acionistas e pela expansão do negócio. Já na empresa social, a validação se dá por meio de testes-piloto com foco em soluções sociais,

o crescimento envolve a captação de investimentos de impacto, e a maturidade é medida pela profundidade e alcance das transformações geradas nas comunidades atendidas.

Por sua vez, a empresa pública difere de ambas: trata-se de uma entidade empresarial criada por lei, com personalidade jurídica de direito privado, capital exclusivamente estatal e dirigida pelo poder público, voltada à

oferta de bens e serviços essenciais à coletividade, conforme definição da Câmara dos Deputados do Brasil. Enquanto a empresa pública cumpre funções estratégicas definidas pelo Estado, o empreendimento social atua com autonomia e protagonismo da sociedade civil, sendo orientado pela busca de inovação social e transformação de realidades locais. Alguns aspectos de distinção, são apresentados na tabela 2.

Aspecto	Empresa Social	Empresa Convencional	Empresa Pública
Propósito central	Resolver problemas socioambientais com impacto positivo	Obter lucro e retorno financeiro	Atender ao interesse público com bens/serviços essenciais
Métrica de sucesso	Alcance e profundidade do impacto social	Lucro, competitividade e crescimento de mercado	Eficiência na prestação de serviços à coletividade
Origem do capital	Misto: doações, vendas, investimento de impacto	Privado (investidores, acionistas)	100% estatal
Gestão e governança	Autonomia social com foco em impacto e sustentabilidade	Direcionamento estratégico voltado ao mercado	Controlada e gerida pelo poder público
Exemplos comuns	Banco Palmas, Instituto Dara, Doutores da Alegria	Multinacionais, startups comerciais	Correios, Caixa Econômica Federal

Tabela 2. Tipos de Empresas

Assim, as narrativas mostram que, embora não tenham partido de planos empresariais, as iniciativas caminharam para modelos organizacionais robustos, com planejamento, profissionalização e parcerias – evidenciando uma identidade própria que desafia rótulos fixos. As trajetórias dos protagonistas também revelam um conjunto de competências desenvolvidas no exercício do empreendedorismo social. Como sugerem Bittencourt *et al.* (2016) e Costa *et al.* (2023), não há um perfil único, mas habilidades como empatia, visão sistê-

mica, capacidade de mobilização, criatividade e resistência à frustração se mostram recorrentes. A atuação dos personagens está fortemente ligada a valores pessoais e à motivação por justiça social, sendo moldada pelo contexto e pela experiência. Isso reforça a ideia de que o sucesso em projetos sociais está vinculado à sensibilidade para o território, ao engajamento afetivo e à competência para articular redes e recursos. Na tabela 3, são apresentadas as dimensões das competências presentes na narrativa e seus respectivos trechos.

Visão Transformadora de Futuro

Capacidade de enxergar além do problema imediato, formulando soluções inovadoras e sustentáveis para transformação social.

Joaquim Melo: "...o caminho para a mudança não passava apenas por doações, mas pela criação de novos horizontes e oportunidades."

Vera Cordeiro: "...determinada a transformar essa realidade, Vera fundou... uma iniciativa inovadora..."

Wellington Nogueira: "...compreendeu que o humor pode ir além do mero entretenimento, tornando-se um instrumento poderoso de impacto social."

Empatia e Sensibilidade Social

Capacidade de se colocar no lugar do outro, compreendendo suas necessidades e desenvolvendo ações genuínas de cuidado.

Joaquim Melo: "...morei com os catadores de lixo, convivendo com os urubus, com o lixo..."

Vera Cordeiro: "...médica que testemunhava diariamente a recorrência de crianças..."

Wellington Nogueira: "...introduziu palhaços profissionais em hospitais, promovendo interações lúdicas com crianças internadas..."

Liderança Engajada e Comunitária

Mobilização de pessoas, recursos e saberes para transformar realidades coletivas, promovendo protagonismo local.

Joaquim Melo: "...a própria comunidade geraria sua economia, fortalecendo o comércio local."

Vera Cordeiro: "...ouvir quem servíamos... ajudar a família a pensar na sua própria vida..."

Wellington Nogueira: "...contribuiu para o reconhecimento do palhaço hospitalar como uma profissão..."

Criatividade e Inovação Social

Desenvolvimento de soluções criativas e fora dos padrões tradicionais para problemas sociais complexos.

Joaquim Melo: "...o banco criou sua própria moeda social, o Palmas..."

Vera Cordeiro: "...estrutura um plano de ação individualizado... fundamentado em cinco pilares..."

Wellington Nogueira: "...estruturou a organização com uma abordagem profissional... formação rigorosa..."

Capacidade de Articulação Intersetorial

Habilidade para transitar entre áreas distintas — como saúde, educação, cultura, economia — e construir pontes entre elas.

Vera Cordeiro: "...abordagem intersetorial de combate à pobreza..."

Wellington Nogueira: "...criar um novo modelo de gestão, um novo modelo de empresa..."

Comunicação

Capacidade de inspirar, sensibilizar e mobilizar por meio de narrativas, metáforas e discursos potentes.

Joaquim Melo: "...cada empréstimo era mais do que um ato de generosidade: era uma 'semente plantada'..."

Vera Cordeiro: "... 'chega! Eu vou fundar!', 'Chega! Eu vou fazer!'..."

Wellington Nogueira: "...será que é possível criar um novo modelo de empresa que nasce socialmente responsável...?"

Resiliência e Persistência

Força para continuar agindo, mesmo diante de obstáculos estruturais, políticos e culturais.

Joaquim Melo: "...no início, houve resistência por parte do sistema bancário tradicional e do governo..."

Vera Cordeiro: "...enfrentou desafios inerentes a iniciativa social no Brasil, como a burocracia..."

Wellington Nogueira: "...expandir a iniciativa sem comprometer sua essência..."

Profissionalismo

Organização e gestão eficiente de iniciativas sociais com base em planejamento, estratégia e avaliação de impacto.

Joaquim Melo: "...em 2024, encontra-se consolidado como uma instituição social robusta..."

Vera Cordeiro: "...elementos do seu planejamento estratégico..."

Wellington Nogueira: "...metodologia, diretrizes bem definidas, formação profissional..."

Tabela 3. Dimensões de competências direcionadas ao empreendedorismo social, com base na narrativa do caso.

Dessa forma, emerge um dilema conceitual: como nomear esse tipo de trabalho que mistura cuidado, ativismo, arte, gestão e transformação social? A partir das contribuições de Castro et al. (2024), entende-se que a sustentabilidade das ações depende também da legitimidade e do reconhecimento que recebem – o que está diretamente ligado à forma como são categorizadas. Nomear alguém como "empreendedor social", "cuidador", "gestor" ou "artista social" não é apenas uma questão semântica, mas estratégica, pois influencia políticas públicas, captação de recursos e percepção social sobre o valor do trabalho desenvolvido. Essa reflexão leva à compreensão de que tais iniciativas desafiam os limites das classificações tradicionais, ocupando um espaço híbrido e fundamental na construção de novas formas de fazer e pensar o desenvolvimento social.

Por fim, é possível orientar, de forma objetiva, a elaboração de um esboço de projeto social que responda a uma demanda concreta da comunidade. O primeiro passo consiste na identificação clara do problema social. Isso exige observar a realidade local

com atenção e compreender suas causas. Joaquim Melo, por exemplo, percebeu que o maior obstáculo para o desenvolvimento de sua comunidade era a ausência de acesso ao crédito e à circulação de renda. Por isso, criou o Banco Palmas, afirmando que "o problema não era só falta de dinheiro, era falta de acesso".

Em seguida, deve-se apresentar uma proposta de solução que seja simples, viável e inovadora. Essa proposta deve considerar as necessidades reais dos beneficiários e buscar impacto duradouro. A experiência de Vera Cordeiro é exemplar nesse sentido: ao perceber que o tratamento médico isolado não resolvia os problemas das famílias atendidas, ela criou uma metodologia com cinco eixos – saúde, moradia, educação, geração de renda e cidadania – afirmando que era necessário "ajudar a família a pensar na sua própria vida".

Outro elemento essencial é a definição dos beneficiários. O projeto precisa indicar com precisão quem será atendido. No caso dos personagens analisados, os públicos eram bem definidos: comerciantes locais (Joaquim), famílias em situação de vulnerabilidade

(Vera) e crianças hospitalizadas (Wellington). Essa definição permite foco na execução e avaliação dos resultados.

Além disso, é fundamental planejar os recursos necessários e as parcerias estratégicas. Todo projeto demanda pessoas, infraestrutura, apoio técnico e financiamento. As iniciativas descritas mostram que os recursos podem vir da própria comunidade, de voluntários, de instituições públicas ou privadas. No Banco Palmas, por exemplo, as primeiras doações vieram dos moradores do bairro. Já os Doutores da Alegria contaram com artistas capacitados e parcerias com hospitais para profissionalizar a atuação.

Portanto, um bom projeto social deve conter os seguintes elementos: identificação de um problema real da comunidade; proposta de solução inovadora e prática; definição clara dos beneficiários; planejamento de recursos; e articulação com parceiros. Esses componentes, quando integrados, aumentam a chance de êxito e sustentabilidade da ação. Como revelam as trajetórias de Joaquim, Vera e Wellington, o impacto social começa com escuta e sensibilidade, mas só se concretiza com organização, compromisso e gestão eficiente.

Plano de Aula

Para facilitar a condução do debate em sala de aula com base no caso “Quem se importa?”, recomenda-se que o/a condutor/a organize um encontro com duração total de 120 minutos.

Como preparação para o debate, sugere-se que a Parte 1 do caso, composta pela narrativa principal, seja disponibilizada com antecedência aos estudantes. O ideal é que essa entrega ocorra uma semana antes do debate ou na aula imediatamente anterior, a fim de garantir o tempo necessário para leitura e análise individual. Recomenda-se que os discentes recebam, junto da narrativa, um conjunto de questões orientadoras, para que possam refletir sobre o conteúdo e registrar suas respostas e percepções pessoais. Essas anotações devem ser levadas para o encontro de debate em sala. A disponibilização da narrativa pode ser feita por meio do compartilhamento de um *link* para acesso *online*, facilitando a leitura fora da sala de aula. É importante que o/a condutor/a também oriente os estudantes a buscar informações complementares às da narrativa, incentivando a leitura das referências listadas ao final do texto. Ressalta-se que os conceitos fundamentais que embasam a discussão do caso já devem ter sido abordados anteriormente em aula.

No dia do debate, diversos recursos didáticos podem ser utilizados com o propósito de tornar a experiência mais interativa e visualmente estimulante. O uso de *notebooks* e acesso à internet (*Wi-Fi*) pode facilitar a consulta a dados em tempo real e o acesso ao *link* do caso. O quadro branco e pincéis coloridos são indicados para organizar visualmente ideias-chave durante o debate. O projetor pode ser usado para

exibir o *trailer* do documentário que inspira o caso, bem como trechos de vídeos ou imagens ilustrativas das iniciativas de Joaquim Melo, Vera Cordeiro e Wellington Nogueira. A utilização de um equipamento de som garante qualidade na exibição de materiais audiovisuais. Canetas coloridas e papéis A4 em branco podem ser úteis na dinâmica em grupo, para registro coletivo de ideias ou elaboração de mapas conceituais. Caso o/a condutor/a ainda não conheça bem a turma, crachás de identificação podem facilitar a interação. Todos esses recursos visam favorecer a construção coletiva do conhecimento, por meio de um ambiente participativo.

A gestão do tempo deve seguir uma estrutura clara para garantir o aproveitamento pedagógico. Nos primeiros 20 minutos, o debate pode ser iniciado com a projeção do *trailer* do documentário “Quem se importa?”, seguido de perguntas introdutórias que despertem o interesse e a participação dos discentes. Uma sugestão de pergunta inicial é: “Você já se envolveu em alguma ação social que te fez pensar sobre o impacto do seu trabalho no mundo?”, essa questão pode gerar depoimentos breves e estimular o envolvimento inicial.

Na sequência, os estudantes devem ser organizados em pequenos grupos de até quatro pessoas, com as cadeiras em formato de círculo. A formação dos grupos pode ocorrer por sorteio ou por escolha espontânea dos discentes. Durante 20 minutos, os grupos devem

compartilhar suas respostas individuais e consolidar uma resposta coletiva para cada uma das questões previamente entregues. Após esse momento, os grupos devem se reorganizar em um grande círculo no centro da sala. Cada grupo deve escolher um representante para apresentar suas respostas em voz alta. Ao fim da apresentação de cada grupo, por questão, o/a condutor/a deve abrir espaço para contribuições livres dos demais discentes, com tempo máximo de dois minutos por fala, de modo a garantir a ampla participação. Para evitar possíveis bloqueios ou timidez na turma, o/a condutor/a pode lançar perguntas do cotidiano relacionadas ao tema, tais como: “Você já ouviu alguém dizer que trabalho voluntário não é trabalho?”, “Como você entende a diferença entre empreendedor social e líder comunitário?”, “Você conhece algum empreendedor social na sua comunidade?” ou “Qual problema de sua comunidade você gostaria de resolver?”

A dinâmica de apresentação dos grupos e debate aberto deve durar cerca de 30 minutos. Nos 10 minutos finais da aula, recomenda-se que o/a condutor/a realize um fechamento reflexivo, recuperando as principais contribuições levantadas, incentivando a continuidade da reflexão para além da sala de aula. Como sugestão complementar, pode-se convidar os discentes a assistirem ao documentário completo “Quem se importa?”, promovendo um momento posterior de exibição do filme em sala,

caso haja viabilidade e interesse coletivo.

O/a docente pode, em aulas posteriores, complementar a discussão articulando os dilemas apresentados pelos personagens com a construção de mapas colaborativos de soluções sociais. Essa dinâmica permite que os estudantes identifiquem problemas reais em seus contextos, mapeiem iniciativas inspiradoras como as dos personagens, e visualizem conexões entre áreas como saúde, economia, cultura e educação. Dessa forma, amplia-se a compreensão sobre o impacto integrado das soluções sociais e estimula-se o pensamento sistêmico e colaborativo.

Para avaliar a participação dos estudantes durante o debate do caso

“Quem se importa?”, o/a condutor/a pode adotar uma rubrica avaliativa, com pontuação total de 0 a 5 pontos. Essa estratégia permite reconhecer o engajamento coletivo dos estudantes, incentivando a cooperação, a escuta ativa e a articulação crítica das ideias no grupo. A rubrica considera quatro critérios fundamentais: compreensão do caso, articulação com conteúdo teóricos, qualidade das contribuições no debate e participação colaborativa no grupo. Abaixo, apresenta-se a tabela 4, com os níveis de pontuação e uma descrição sucinta sobre o desenvolvimento do discente em cada nível:

Critério	0 ponto	1 a 2 pontos	3 a 4 pontos	5 pontos
Compreensão da narrativa do caso	Não leu ou não compreendeu o caso.	Leu, mas demonstrou pouca compreensão dos aspectos centrais.	Compreendeu os principais elementos, com leve dificuldade de aprofundamento.	Compreendeu profundamente e articulou com clareza os elementos do caso.
Relação com os conteúdos teóricos trabalhados	Não relacionou o caso ao conteúdo visto previamente.	Tentou relacionar, mas de maneira superficial ou com pouca clareza.	Relacionou os conceitos com coerência, ainda que sem aprofundamento.	Fez relações claras, fundamentadas e críticas com os conceitos teóricos.
Participação no grupo e no debate coletivo	Não participou ou permaneceu inativo nas discussões.	Participou de forma passiva ou apenas quando instigado(a).	Participou pontualmente, com contribuições válidas.	Participou ativamente, com falas relevantes e que estimularam a discussão.
Colaboração e escuta ativa	Ignorou falas de colegas ou interrompeu discussões.	Ouviu, mas sem se envolver com as contribuições alheias.	Demonstrou respeito, escutou e contribuiu quando solicitado(a).	Colaborou efetivamente, escutou com atenção e somou às ideias do grupo.

Tabela 4. Rubrica de avaliação

Para atribuir a nota da atividade com base na rubrica apresentada, o(a) docente pode utilizar um cálculo proporcional considerando que cada critério recebe uma pontuação de 0 a 5, totalizando até 20 pontos. Caso a atividade tenha um peso específico na avaliação final, por exemplo, valendo 3 pontos, a nota do(a) estudante pode ser obtida somando-se os pontos atribuídos nos quatro critérios, dividindo esse total por 20 (para obter a proporção) e, em seguida, multiplicando o resultado por 3. Esse procedimento garante uma avaliação coerente com os critérios qualitativos da rubrica e permite ao(à) docente adaptar o peso da atividade conforme o planejamento e a realidade da disciplina.

Sugestão de bibliografia

Bezerra-de-Sousa, I. G., & Teixeira, R. M. (2019). Relações conceituais entre empreendedorismo social e inovação social. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 13(4), 81–99. <https://doi.org/10.12712/rpca.v13i4.28974>

Bittencourt, I., Brunstein, J., Cavalcante Martins, A. A., Desidério, P. H., & Cardoso Sobrinho, C. A. (2016). Systematic review of the literature: Social entrepreneurship and skills development—An analysis of past 10 years. *International Journal of Innovation*, 4(1), 33–45. <https://periodicos.uninove.br/innovation/article/view/10022>

Castro, A. P. F. L., Lopes, M. M. F., & Silva, G. M. M. (2024). Empreendedorismo social: O papel da inovação social como ferramenta de política pública no desenvolvimento socioeconômico em comunidades subdesenvolvidas. *Cadernos de Prospeção*, 17(5), 1271–1285. <https://doi.org/10.9771/cp.v17i5.58151>

Costa, D. P., Carmo, G., Castro, J. L. S., & Beraldo, D. F. A. (2024). Empreendedorismo social: Uma revisão bibliométrica. *Revista Economia & Gestão*, 23(66), 63–78. <https://periodicos.pucminas.br/economiaegestao/article/view/30196>

Lehmen, L., Petrini, M., & Souza, A. C. (2023). Empreendedorismo é tudo igual? Particularidades do ciclo de vida no empreendedorismo social. *Revista Economia & Gestão*, 23(64), 72–91. <https://doi.org/10.5752/P.1984-6606.2023v23n64p72-91>

Referências

Banco Palmas. (2025). *Blog Banco Palmas*. <https://bancopalmas.com/blog>

Carmo, N. C., Freitas, B. R., Garcia, C. P., Albino, A. A., & Olher, B. S. (2021). Empreendedorismo social no enfrentamento econômico da Covid-19. *Revista Gestão Organizacional*, 14(1), 316–332. <http://dx.doi.org/10.22277/rgo.v14i1>

Casaqui, V. (2014). Construção da utopia empreendedora social: Análise multidimensional do filme “Quem se importa”. In *Anais do 12º Congresso ALAIC*. ALAIC.

Doutores da Alegria. (2025). *Números*. <https://doutoresdaalegria.org.br/numeros/>

- Ferreira, L. R. (2023). Resenha do filme Quem se importa. *Composição: Revista de Ciências Sociais da UFMS*, 4(28), 61–68. <https://doi.org/10.36066/com-pcs.v4i28.17479>
- Instituto Dara. (2025). *Impacto – Resultados*. <https://dara.org.br/impacto/resultados/>
- Junges, V. C., Campos, S. A. P., & Traverso, L. D. (2020). Práticas de autogestão e ação coletiva em um espaço de empreendedorismo social. *Reuna*, 25(3), 1–17. <https://revistas.una.br/reuna/article/view/1117>
- Justen, G. S., Teixeira, R. M., & Segatto, A. P. (2018). Empreendedorismo social e inovação social: Convergências e diferenças conceituais. In *Anais do 22º Encontro Internacional sobre Gestão Ambiental e Meio Ambiente*.
- Lopes-Jr., D. S., Vicente, M., Inacio Junior, E., & Fischer, B. B. (2020). Fatores socioeconômicos como motivadores para o empreendedorismo social. *Revista de Ciências da Administração*, 22(56), 75–90. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2020.e61471>
- Medeiros, C. B., Machado, L. C. R., Pereira, L. C. A. A., Costa, Í. C. A., & Gomez, C. P. (2017). Inovação social e empreendedorismo social: Uma análise sob a perspectiva da economia solidária. *Revista Gestão.Org*, 15(1), 61–72. <https://doi.org/10.21714/1679-18272017v15n1.p61-72>
- Melo, J. (2025). *Joaquim Melo: Blog*. <https://joaquimmelo.com.br/>
- Mourão, M. (Diretora). (2012). *Quem se importa [Documentário]*. Mamo Filmes.
- Nogueira, W. (2025). *Wellington Nogueira*. <https://wellingtonnogueira.com.br/>
- Oliveira, N. P., Figueiró, P. S., & Souza, A. C. A. A. (2021). Empreendedorismo social como agente na intermediação da inovação social em empresas. *Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 19(1), 257–269. <https://doi.org/10.19094/contextus.2021.70798>
- Parente, C., Marcos, V., & Diogo, V. (2014). Sobre inovação e empreendedorismo social. In C. Parente (Org.), *Empreendedorismo social em Portugal* (pp. 242–260). https://www.socioeco.org/bdf_fiche-document-3836_pt.html
- Pereira, E. R., & Cosenza, J. P. (2023). Empreendedorismo social como alternativa à redução da pobreza e das desigualdades sociais no contexto brasileiro contemporâneo. *Estudos de Administração e Sociedade*, 8(2), 1–27. <http://www.spell.org.br/documentos/ver/73236/>
- Pinto, A. S., & Klem, C. (2025). A inclusão na educação: Lições a partir do documentário “Quem se importa”. *Aurum Revista Multidisciplinar*, 1(2), 169–176. <https://doi.org/10.63330/armv1n2-014>
- Portal Terra. (2024, agosto 14). *Banco Palmas: Ex-morador de lixão fundou moeda e banco para comunidade do Ceará*. <https://www.terra.com.br/economia/banco-palmas-ex-morador-de-lixao-fundou-moeda-e-banco-para-comunidade-do-ceara,7fae8a755963ec632621e1263fe6b177chnymsi3.html>
- Quem Se Importa. (2025). *Quem se importa*. <https://www.quemseimporta.com.br/>

Ramos, A. O., Vasconcelos, T. B., & Oliveira, V. M. (2023). Ecossistema de empreendedorismo social: O caso do estado da Paraíba. *Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 21, e81548. <https://doi.org/10.19094/contextus.2023.81548>

Trip. (2012). *Vera Cordeiro*. <https://revista-trip.uol.com.br/homenagedos/2012/vera-cordeiro>

Vieira, V. G., Oliveira, V. M., & Chim-Miki, A. F. (2022). Elementos formadores das dimensões do empreendedorismo social. *REGPE Entrepreneurship and Small Business*, 11(3), 1–13. <https://doi.org/10.14211/ibjesb.e2097>

Agradecemos ao Grupo de Pesquisa em Aprendizagem, Gestão e Educação (AGE) da Universidade Federal da Paraíba pela colaboração na revisão do caso para ensino.

Nahuan Alaff Virgino Soares (naahuan.soares@gmail.com) * trabalhou na concepção e construção da narrativa do caso, coleta e análise de informações, estruturação pedagógica do caso, elaboração das perguntas de análise, revisão teórica e revisão final do texto.

Tiago Nascimento da Silva (nascimentothiago82@gmail.com) trabalhou na construção da narrativa do caso, coleta e análise de informações e revisão teórica.

*Autor-correspondente.

Data de Submissão: 30/05/2025 Data de Aprovação: 02/09/2025.

Editor-Chefe: Diogo Henrique Helal.

Editor Adjunto: Bruno Melo Moura.

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do material em qualquer meio ou formato, apenas para fins não comerciais, desde que seja dada a devida atribuição ao criador. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>